

GÊNERO E SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Beatriz Maria Megias Ligmanovski Ferreira/SEED

Marília Gomes de Carvalho Utfpr- Universidade Tecnológica Federal Do Paraná:

Beatriz Maria Megias Ligmanovski Ferreira -seed/secretaria da Educação Do estado
Paraná E Utfpr Mestrado Em Trabalho E Tecnologia

RESUMO

O presente trabalho objetivou analisar os discursos de professores(as) formadores do Curso de Magistério e trata das relações de gênero e sexualidade no espaço escolar. Adotou-se a abordagem qualitativa através de entrevistas. O trabalho refletiu o quadro de formação de professores(as) e os discursos que se constroem e se fortalecem na manutenção de determinados comportamentos. Centrou-se na presença, ou não, no espaço escolar, do oferecimento ou não, dos temas aos alunos, quem está autorizado a falar sobre estes assuntos e o que falar. Os conteúdos pouco demonstravam a presença dos temas no currículo. Os temas despertavam interesse dos(as) professores(as), mas a sua presença era pequena em sala de aula. Geralmente os temas apareciam sob o viés da moral, de problemas e sempre associados à biologia. Fato que pôde sinalizar o pouco ou a ausência dos temas nos currículos e explicava a manutenção de determinados comportamentos, de ausências e repetições na formação de futuros professores e professoras.

Palavras-chave: Educação, Gênero e Sexualidade, Formação de professores(as).

Introdução

O mundo contemporâneo apresenta mudanças que afetam todas as áreas da sociedade, inclusive a educação. Estas mudanças instigam e instituem a abordagem de novas práticas pedagógicas e novos conhecimentos. As relações de gênero, a sexualidade e a própria educação, são conceitos que estão inter-relacionados com processo de construção social e histórica de homens e mulheres. Estes temas interligados estabelecem relações por serem conceitos dinâmicos ou em construção.



Considerando a formação de professores e professoras, a sexualidade e relações de gênero são temas dinâmicos e em constante interação. Sendo assim, como objeto de estudo, optou-se pelas duas temáticas “sexualidade e gênero”, as quais, frequentemente, estão incrustadas, isto é que estão inseridas, embutidas ou fixadas uma na outra, devido à relação de complementaridade que muitas vezes esses dois conceitos possuem.

O foco principal deste trabalho foi à presença da questão “sexualidade e gênero” em sala de aula, se estavam presentes, ou não, e como professores e professoras lidavam com essa demanda. A qual, frequentemente se materializa por meio de verbalizações (perguntas, piadas, palavrões, pichações, vestuário), gravidez na adolescência, aborto e comportamentos tais como a sedução, o ficar, o namoro e outros. Analisando assim, a prática pedagógica, os conceitos e abordagens, entendendo-se que mesmo não utilizando a palavra gênero e ou sexualidade, muitas vezes os temas aparecem no espaço escolar.

Pôde-se perceber que as dificuldades e dúvidas estavam presentes na prática educativa dos docentes. Dentro deste contexto, refletiu-se onde estava o “gargalo” das informações e por que esses temas quase não são contemplados durante a formação de professores e professoras. Porém, se torna difícil falar de sexualidade sem falar na construção de homens e mulheres. Durante este trabalho, visou-se desenvolver estudos ligados às instituições de ensino, em especial ao Curso de Magistério, que formam professores(as) e assim perceber na base, ou seja, na origem, se esses temas são ou não contemplados.

O Ministério da Educação e Cultura propôs a inclusão no Currículo da Educação Básica dos temas sociais contemporâneos (BRASIL, 1996; 1998). Essas questões deveriam ser ensinadas na escola, e os temas corresponderem aos problemas brasileiros, se referindo à vida das crianças. Se alunos e alunas necessitam desses conhecimentos, entende-se que professores(as) deveriam estar preparados. No entanto, especificamente em relação aos temas gênero e sexualidade, experiências vivenciadas e relatadas no processo de formação com professores (as) quase não aparecem durante a elaboração de novas propostas de formação destes educadores(as).

As experiências relatadas demonstraram a fragilidade em termos de saberes teóricos e metodológicos para responder a essa demanda. Diante desse contexto, este trabalho realizou uma pesquisa de cunho qualitativo voltada aos professores e professoras, formadores de futuros professores(as) do Curso de Magistério, como sujeitos de pesquisa, com o intuito de refletir como professores e professoras do Curso de Magistério

reconheciam a temática de gênero e sexualidade, como conteúdos a serem trabalhados na formação inicial de professores(as) da Educação Básica. E, além disso, como se posicionavam frente as suas percepções desses temas na dinâmica social e quais eram as possibilidades de abordagem desses conteúdos em suas disciplinas.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho foi analisar como professores(as), do curso de Magistério do Instituto de Educação Erasmo Pilotto em Curitiba, se posicionavam frente aos temas gênero e sexualidade e quanto à inserção destas temáticas no currículo e na atuação profissional. Portanto, visou-se identificar quais os conteúdos sobre gênero e sexualidade estavam presentes na proposta pedagógica e curricular do Curso de Magistério. E a partir de então, interpretou-se a opinião destes professores e professoras sobre informar ou não, aos futuros profissionais da educação a respeito de gênero e sexualidade. Desta forma, foi avaliado como professores e professoras do curso de Magistério lidavam com as questões de gênero e sexualidade.

Metodologia

2.1 Público-alvo

Professores e professoras formadores do 4º ano do Curso de Magistério de um colégio de educação pública, da rede estadual de ensino do estado do Paraná, localizado na cidade de Curitiba, região central, o qual está direcionado a formação de professores e professoras das séries iniciais.

2.2 Método de Investigação Utilizado

Durante a pesquisa foi enfatizado como objeto de estudo o entendimento dos professores e professoras formadores (as) quanto às temáticas investigadas independente do colégio selecionado e ou da cultura da escola em questão, baseado na metodologia de pesquisa qualitativa, descrita por Moreira e Caleffe (2006).

A elaboração do roteiro de entrevistas foi validada através da aplicação deste a um numero inicialmente menor de docentes, totalizando quatro (4) professores e professoras. Depois da referida validação, as entrevistas foram agendadas de acordo com a



disponibilidade de horário dos professores e professoras, os quais foram entrevistados(as) individualmente durante o intervalo dos anos de 2007 a 2009. O anonimato dos(as) entrevistados(as) foi preservado. Após diversas leituras do material produzido, através das entrevistas, foi possível realizar a análise, a fim de responder e atender os objetivos específicos desta pesquisa.

As entrevistas foram feitas individualmente, face a face, gravadas em áudio e posteriormente transcritas para análise. Em casos de professores(as) que não permitiram a gravação da entrevista, esta foi realizada na forma escrita. O roteiro foi elaborado com perguntas dispostas em diferentes momentos. Inicialmente eram realizadas questionamentos elementares, sobre a visão geral dos temas abordados e posteriormente com perguntas específicas, referentes a sexualidade e gênero, afim de não constranger e nem criar inquéritos sobre sexualidade. As entrevistas variaram de trinta minutos à uma hora e incluiu diversos depoimentos de professores e professoras, da coordenação do curso de Magistério e da direção da escola.

Em seguida foram apresentados os resultados da aplicação dos roteiros de entrevista. Essa etapa da pesquisa centrou-se na análise do roteiro de entrevistas, sob a ótica de gênero e sexualidade. Os dados foram organizados em unidades de significados até se transformarem em três categorias, identificadas através das interpretações decorrentes das entrevistas.

3. Resultados e Discussão

No total, foram realizadas 16 (dezesesseis) entrevistas entre diretores, professores (as) e coordenadores de curso, sendo 03 (três) homens e 13 (treze) mulheres. Dos dezesseis (16) professores (as) entrevistados (as), todos tinham nível de escolaridade superior, e destes, quinze (15) realizaram curso de pós-graduação. Sendo (3) três portadores(as) do título de mestre, um (1) com doutorado e (11) onze com especialização.

A partir dos dados relatados acima foi observado uma predominância de mulheres atuando como educadoras. De acordo com Louro (1997, p. 88) a escola tem gênero, embora alguns a reconheçam como masculina no que se refere à construção do conhecimento, embora a atividade escolar seja marcada primordialmente como um lugar de atuação de mulheres. Ainda a autora enfatiza que o ensino no Brasil era inicialmente

masculino com um forte vínculo religioso. Porém, com o passar do tempo o magistério e a escola passaram por um processo de feminilização, principalmente nas séries iniciais.

A interpretação das entrevistas gerou uma compreensão dos dados os quais foram sumarizados na forma de categorias. Na primeira categoria foi abordada a questão dos limites dos(as) professores(as) formadores(as) ao se trabalhar as questões de gênero e sexualidade na formação de futuros(as) professores(as). As questões do “saber” foram apontadas como segunda categoria e identificadas por meio do discurso dos(as) professores(as) que revelou a percepção dos docentes, ou seja, o referencial teórico destes, quanto à questão da sexualidade e gênero. Na terceira categoria, o que emergiu foram as questões relativas ao preconceito, apresentando-se na forma de uma construção, desconstrução, negação ou indiferença. Nesta categoria os preconceitos, em relação a gênero e sexualidade, presentes no ambiente escolar foram refletidos, abordando a possibilidade destes professores e professoras contemplarem estes temas em suas disciplinas.

Moreira e Caleffe (2006) sugeriram a partir de resultados de roteiro de pesquisa organizar os dados em categorias. Sendo assim, baseado nestes autores, é que questões identificadas durante as entrevistas sobre os temas sexualidade e gênero, questões do saber e abordagem destes nas disciplinas lecionadas, foram organizados na forma de categorias apresentadas acima.

Na questão referente à primeira categoria que se refere à descoberta dos limites da sexualidade e as relações de gênero na formação de futuros professores e professoras, observou-se as dificuldades de se trabalhar gênero e sexualidade na formação dos futuros professores e professoras do Curso de Magistério.

Alguns motivos para a não abordagem deste tema na escola e suas dificuldades, foram especificados pelos professores e professoras como barreiras dadas pela própria escola ou pela família, pois o tema é ligado ou associado apenas com a questão do sexo, ou melhor, à relação sexual. Ainda foi observado, que a dimensão sexual, está muitas vezes, ausente de ser abordada de forma pedagógica como uma constante no espaço escolar. A ausência de um espaço para este conteúdo era justificada por diversos motivos tais como, falta de tempo suficiente para o conteúdo que vem sendo normalmente voltado ao vestibular. E ainda devido à necessidade do professor ou professora de vencer o conteúdo cobrado pela instituição ou o próprio medo ou receio de falar sobre esses conteúdos.

De acordo com os resultados desta pesquisa, observou-se que esta dimensão da sexualidade, ainda não era vista como um tema que acrescentasse na formação integral das alunas e dos alunos, onde muitas vezes, era deixado de lado. Tais dados corroboram com o recomendado por Figueiró (2006) que chamava a atenção para que o trabalho pedagógico não fosse tratado de forma assexuada, pois isto poderia gerar um currículo que reprimisse ou distorcesse as questões sobre sexualidade.

Através dos dados obtidos foi possível ainda observar que o(a) mesmo(a) professor(a) que reconhecia a importância do tema não tinha clareza a respeito da abordagem.

De acordo com Herilborn em 2006, estudando tal problemática enfatizou que escola e família deveriam assumir posição de destaque através da transmissão de conhecimentos, normas e valores na construção da sexualidade.

A partir da análise realizada neste trabalho, observou-se que a questão do currículo, demonstrava-se de forma rígida e muito cobrada, principalmente em relação ao conteúdo de cada disciplina, o qual deveria ser cumprido. Dentro do universo escolar, isto pode refletir na formação do(a) professor(a), onde alguns revelaram não acreditar que estes temas deveriam ser utilizados e ou fundamentais no exercício do magistério. Tais fatos justificam algumas distorções no campo da sexualidade identificadas por meio do roteiro aplicado.

A autora Whitaker (1989), apontou o fato de educadores(as) que não dominavam as questões relativas a gênero, ou seja, não apresentavam o “olhar” ao gênero, podiam em parte, contribuir para a reprodução de velhas crenças.

Durantes as entrevistas a grande maioria dos professores(as) formadores, relatou que já “pensou nestas questões na escola” e eram unânimes em afirmar que refletiram sobre o assunto, e consideravam que as questões relativas a gênero e sexualidade deveriam ser ofertadas aos futuros(as) professores(as). No entanto, alguns entrevistados(as) relataram que não foram suficientemente preparados para executar tal abordagem. Este fato pode ser confirmado através de alguns depoimentos em que alguns(as) professores(as) não demonstravam embasamento teórico, demonstrando assim um limite a ser trabalhado.

Na segunda categoria, as questões do saber eram identificadas por meio do discurso dos professores e professoras em relação a percepção deles(as) a respeito de gênero e sexualidade. Além disto, foram apresentados e discutidos os resultados que apontavam o entendimento dos docentes a respeito das dificuldades na abordagem e

interpretação do tema e como lidar com as questões dos saberes sobre essas temáticas no exercício do magistério.

Segundo Seffner (2006, p. 90), “a sexualidade deveria ser vista como uma atividade lúdica, inventada e reinventada todos os dias, com diferentes nomes e possibilidades”. Ribeiro e Souza (2008) apontaram que os significados atribuídos à sexualidade não eram apenas restritos ao próprio corpo e ou indivíduo, mas constituíam e regulavam as práticas sociais e produzidas através de uma variedade de meios. Acrescentando que a temática sexualidade possibilitava questionar a pluralidade dos significados construídos sobre a sexualidade e problematizá-la, e era construída de forma social e historicamente.

No roteiro de entrevistas realizadas durante esta investigação, foi perguntado se era papel da escola trabalhar a temática sexualidade e gênero e os(as) professores(as) foram unânimes em afirmar que as questões relativas a gênero e sexualidade deveriam ser ofertadas aos futuros professores e professoras.

Além disso, questionou-se a respeito da abordagem ou não destas temáticas na escola e dificuldades encontradas. Nas afirmações, observou-se que a questão da sexualidade, era associada ainda, com as disciplinas de Ciências ou Biologia. Pôde-se refletir que essa questão da sexualidade, era muito vinculada ao estudo do corpo e suas funções. É como se a sexualidade fosse apenas mais uma parte do corpo e por isso de acordo com estes docentes a disciplina que deveria contemplá-la seria a da área Biológica, como várias vezes mencionadas pelos(as) entrevistados(as).

No discurso dos educadores(as), percebeu-se a noção deles(as) sobre a importância da abordagem dos temas na formação dos(as) futuros(as) professores(as), contudo eles(as) argumentaram sobre a necessidade da oferta do tema como uma oportunidade de conhecimento aos alunos e as alunas, mas observou-se também, a dificuldade que estes educadores tinham de assumir a abordagem desses temas nas diferentes disciplinas. A intenção não era culpar ou responsabilizar os(as) formadores(as) e sim refletir e questionar quais eram os maiores empecilhos para a não contemplação, muitas vezes, dos temas em sala de aula.

Carrara (2003) apresentou os questionamentos da razão de estudar e organizar informações a respeito da sexualidade e ainda apresentou o motivo de investigar uma área da experiência humana que, para muitos, diz respeito ao espaço privado de cada um. O autor revelou que o estudo da sexualidade ocorre muitas vezes em função do perigo das doenças sexualmente transmissíveis, como por exemplo, mais recentemente a AIDS.



Sendo assim, o autor descreveu sobre a necessidade de um entendimento maior sobre sexualidade envolvendo temas como o controle de natalidade, tráfico de mulheres, turismo sexual, prostituição, gravidez na adolescência, masturbação, homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade, assim como homofobia, o sexismo entre outros. A escassez do conhecimento pôde então justificar a limitação da dimensão desta abordagem na escola. Ainda, de acordo com Carrara (2003), o conhecimento da sexualidade vem sendo pouco associado a uma fonte poderosa de prazer e de bem-estar, importante para construção das identidades pessoais e sociais. Para o autor, a sexualidade poderia estabelecer o referencial de localização do ser no mundo, as redes de sociabilidade e o modo de visualização de um em relação ao outro .

Seffner (2003) afirmou que os conteúdos de natureza biológica, que tradicionalmente fazem parte dos programas de educação sexual, podem favorecer a percepção de sexualidade e gênero, mas não devem ser o único foco a ser trabalhado. O autor mostrou que discussões sobre relações de gênero, raça, etnia, religião, amor, relações étnicas são as mais difíceis de serem tratadas, e que, em geral, estão ausentes ou encontram pouca expressão nos programas de educação sexual. Seffner sugeriu que a sexualidade não deveria ser trabalhada por meio de “receituários biologicistas” ou em pregações morais . E ainda acrescentava que o trabalho integrado pode estimular o autocuidado além do bem- estar individual e coletivo.

Muitas vezes a temática sexualidade não está contemplada no currículo, mas, segundo Louro (1997), as questões referentes à sexualidade estão na escola, presente nas conversas, brincadeiras, piadas, falas e atitudes dos estudantes e de professores(as).

Na análise dos dados extraídos a partir do roteiro de entrevista estabelecido para o presente estudo, alguns professores(as) ainda associaram e reforçaram o tema sexualidade à disciplina de Biologia ou a Ciências, embora manifestassem que este tema deveria ser abordado de forma transversal ou interdisciplinar. De fato esse é um assunto que pode ser ministrado em qualquer disciplina. A literatura aponta que o diálogo não tem tempo e nem espaço (RIBEIRO e CAMARGO , 1999; CAMARGO et al., 1999).

Contudo, vale ressaltar, por exemplo, que a LDB/Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1998, através dos Temas Transversais, apresenta a temática orientação sexual, como um tema a ser contemplado. No entanto verificou-se que tal indicação não garantia a sua discussão em sala de aula. Sendo assim ficou demonstrado que existem diferentes olhares e discursos sobre um mesmo assunto.



Alguns entrevistados(as) demonstraram preocupações com a superexposição do tema sexualidade pelos meios de comunicação, os quais com o auxílio da tecnologia, nos mais diversos veículos, promovem esta abordagem muitas vezes associada ao ato sexual ou à genitalidade simplesmente. E ainda relataram que as questões de gênero apareciam ainda muito associadas, ao movimento feminista ou às “questões da mulher”.

Professores e professoras sinalizaram a diversidade de materiais disponíveis para trabalhar a sexualidade, mas ao mesmo momento, argumentavam a respeito da dificuldade e do medo referente a abordagem desta temática, mostrando que esse tema não é suficientemente explorado no ambiente escolar.

A sexualidade e as questões de gênero se apresentaram como temas ainda em construção. Como afirmou Louro em 2007, a sexualidade é aprendida, ou melhor, é construída de muitos modos, por todos os sujeitos e durante toda vida. A sexualidade é uma questão social, política e não apenas uma questão pessoal.

Os(as) professores(as) foram indagados de onde os alunos e as alunas recebiam informações sobre sexualidade, a respeito das fontes destas informações, como percebiam as relações de sexualidade na sociedade, na mídia, na escola e na família. Os(as) professores(as) revelaram que tinham consciência que a maioria destes alunos(as) desconhecia o próprio corpo e os motivos alegados eram os mais variados. Ainda foi relatado que na visão dos entrevistados, esses corpos, pouco falados e entendidos, podem ser os mesmos expostos e banalizados numa sexualidade explícita e numa relação de gênero desigual. Os entrevistados de maneira geral acrescentaram ainda, que a mídia muitas vezes, tem um papel significativo na transmissão de informações e conhecimentos sobre a sexualidade e na reprodução de comportamentos esperados para homens e mulheres. É importante ressaltar, que os educadores entrevistados destacaram que a apropriação da informação é igual para homens e mulheres, mas que, no exercício da sexualidade, a igualdade ainda não existe.

Esse comportamento apropriado e esperado quanto à sexualidade e às relações de gênero, tanto para os meninos (associado a virilidade, coragem, força e a racionalidade) quanto para as meninas (associadas a delicadeza, amor, emoção e coração), são considerados predeterminados e construídos num momento histórico, sendo muitas vezes, reproduzidos ou reforçados por diversos espaços do saber. De acordo com Santos (2009), as experiências e trajetórias de vida de cada um/uma conduzem para futuras escolhas, e ainda a autora acrescentou que estas escolhas eram sujeitas a influências de diversos meios.



Quanto à terceira categoria esta apresentou os discursos e falas que emitiam preconceitos, em relação a gênero e sexualidade, presentes no ambiente escolar, coletados durante a pesquisa que interferem na educação.

Os professores e as professoras formadores/(as), foram questionados de como percebiam os homens e as mulheres (seus alunos e alunas) na sociedade, suas dificuldades e como se comportavam.

A partir das entrevistas destes profissionais, voltados para a formação de educadores do Ensino Técnico de Magistério, observou-se que este ambiente escolar tem se revelado como um espaço predominantemente feminino. Apesar de ter sido observado representantes do sexo masculino, verificou-se que esta presença só ocorre nos primeiros anos, sendo muito raro, segundo os(as) entrevistados(as), os que conseguiram concluir o Curso de Magistério. Através das entrevistas com os(as) professores(as) foi observado que na escola existem formas de preconceito e sexismo, era relatado que se espera das meninas um comportamento delicado, meigo e passivo, ao passo que para os meninos aceitavam comportamentos agressivos, arrojados, sob a alegação de ser uma das características masculinas, algo da sua natureza ou que a biologia explica. Isso mostrou a rigidez de papéis esperados para os meninos e meninas, por estes entrevistados e pode se concluir que o ambiente escolar vem refletindo os valores discriminatórios da sociedade, além daqueles que se originam e se reproduzem na própria cultura escolar.

A partir da reflexão acima, verificou-se que o preconceito, parecia estar sendo materializado neste meio escolar, por exemplo, quando era proposto a divisão sexual do trabalho para homens e mulheres, e também através da associação entre a cultura e reprodução de comportamentos predeterminados para homens e mulheres, fortalecendo muitas vezes o preconceito.

Quanto à valorização do magistério para as séries iniciais, as entrevistas revelaram que estes profissionais consideravam que a percepção da sociedade quanto cuidar e educar nas séries iniciais, ainda estava associado a uma tarefa de mulher, como se fosse algo natural. Segundo os(as) entrevistados(as) esse preconceito era percebido na sociedade, na própria escola e entre os próprios colegas. Como exemplos, o fato de um aluno do sexo masculino deste Curso de Magistério ser associado à homossexualidade e de mencionarem que o Magistério é um curso para o sexo feminino. Sendo assim, através destas entrevistas foi possível detectar a existência de preconceitos evidentes entre o público alvo desta pesquisa.



Algumas entrevistas revelaram que os educadores e educadoras mostraram a associação entre a sociedade, medo e vergonha, ao lidar com as questões relativas ao corpo no espaço escolar. Segundo Foucault em 1988, seria interessante descobrir as estratégias de poder nesta vontade de saber. Com um enfoque diferente, Scott (1995) ressaltou a pluralidade de modelos de homens e mulheres enfatizando a diversidade humana.

Butler em (2007) descreveu a respeito da construção de homens e mulheres e enfatizou que se deveria evitar associar homens como cultura e mulheres como natureza (*apud* TOURAINE, 2007).

Apesar deste conteúdo se caracterizar como parte do currículo, verificou-se por meio das entrevistas a dificuldade de se tocar no assunto, uma vez que, na opinião destes entrevistados a conotação sexual, poderia causar espanto tanto nos professores e professoras quanto nos alunos e alunas. Em uma das entrevistas a sexualidade era remetida ao ato sexual simplesmente, e o preconceito foi identificado quando o entrevistado associava as manifestações da sexualidade com a palavra “cio”, reportando a sexualidade apenas como instinto e não como um reflexo de um processo de construção.

A respeito das relações de gênero, percebeu-se que o foco era centrado no comportamento das meninas. Quanto ao preconceito e as relações de gênero, o direcionamento do roteiro de entrevista objetivava identificar, através dos(as) professores(as) formadores, quais eram as maiores dificuldades dos alunos e alunas, isto é, dos(as) futuros educadores.

Além disso, verificou-se a questão cultural determinando papéis e comportamentos em relação ao gênero. Segundo Luz e Fernandes (2008, p. 94), é importante perceber o perfil de “comportamentos discriminatórios diante de posturas homofóbicas geradas por demonstrações de preconceitos, nojo, violência verbal, denotando falta de conhecimento nas esferas do saber sexual”. Ainda de acordo com os autores, diversas discriminações e preconceitos acontecem em nome de uma sexualidade considerada “normal”, isto é, dentro dos padrões culturais e que buscam controlar e estabelecer verdades a cerca do sujeito, do seu corpo e dos seus prazeres.

Pela fala dos(as) professores(as), pôde-se perceber como a questão cultural influenciava na constituição de papéis esperados e estabelecidos para homens e mulheres, reforçando a dicotomia. Louro (1997) considerava em relação às dicotomias, que os dois pólos diferiam e se opunham aparentemente, ou seja, identificando que cada um era uno e idêntico a si mesmo. Ao aceitar que a construção de gênero era histórica, admitia que as

relações entre mulheres e homens, as representações e os discursos estavam em constante transformação.

Ainda de acordo com Louro em 1999, as relações desiguais entre os sujeitos eram construídas e reproduzidas no campo social, e as justificativas para as desigualdades deveriam ser procuradas não nas diferenças biológicas, mais, sim, na história, nos arranjos sociais, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, etc.

Nesse contexto, gênero, sexualidade e educação são conceitos em constante construção e de acordo com o discutido constituem um desafio para todos e todas. Apesar dos riscos, de acordo com Souza (2008), devemos ter a coragem e assumir a condição humana de incompletos.

CONCLUSÕES

Ao tratarmos às temáticas Relações de Gênero e Sexualidades na Escola, por meio de instrumento de pesquisa, professores e professoras demonstraram, ou melhor, deixaram transparecer seus limites como indivíduos e também os limites da instituição onde trabalhavam, mostrando as dificuldades de abordagem dos temas em questão, que são muito amplos e complexos. Pôde-se visualizar que indivíduos entrevistados e instituição representada pelas regras vigentes pareciam estar em ritmos diferentes.

Portanto, de acordo com as entrevistas com os professores e professoras percebeu-se que gênero e sexualidade não estavam totalmente ausentes da escola ou da sala de aula, mas de acordo com os entrevistados(as) também não eram abordados de forma aprofundada e adequadamente. Estes educadores mostraram-se conscientes do problema levantado pelo roteiro aplicado e revelaram que este assunto deveria ser contemplado de forma pedagógica.

Quanto aos documentos oficiais e políticas públicas, percebe-se uma distância em relação ao material que se produz, ao acesso desse material pelos professores(as) e ao que é aplicado em sala de aula, o que demonstrou um descompasso entre o aprendizado esperado e o propriamente dito.

Através das relações de gênero, em especial quando dizem respeito à construção de homens e mulheres, verificou-se que estas podem facilitar a introdução do tema sexualidade na escola, até hoje tão estigmatizado e tão esperado pelos educandos e



educadores. De acordo com o investigado observou-se neste público alvo que o gênero homem e o gênero mulher, a sexualidade dos homens e a sexualidade das mulheres eram assuntos que se complementavam, porém foi evidenciado que estes educadores se preocupavam pelo fato destas questões quase não serem abordadas nos cursos de formação inicial e continuada, enfim na escola.

Este trabalho revelou neste público investigado que o tema sexualidade aparecia, embora de forma restrita, em sala de aula, geralmente sob o olhar da biologia ou da natureza. Enquanto que as questões a respeito do gênero estavam totalmente ausentes do espaço escolar, demonstrando a falta de um conhecimento prévio, por parte dos professores e professoras, sobre o tema. Portanto concluiu-se que ocorre uma naturalização dos papéis de gênero, os quais não eram questionados, justamente por fazer parte do discurso afirmativo de que a natureza era o fator determinante das diferenças entre homens e mulheres. Desta foram os estereótipos masculinos e femininos conservadores e tradicionais eram reproduzidos.

Sendo assim, a partir deste trabalho foi possível observar que a escola deve contribuir para uma educação que respeite a cidadania, contemple a dimensão sexual, as diferenças, os direitos humanos de todos e de todas num mundo multiidentitário e multicultural por meio de abordagens e práticas pedagógicas, a fim de contemplar os assuntos e saberes com novos olhares para a sexualidade e as relações de gênero.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: Apresentação dos Temas Transversais – Orientação Sexual**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, 429p.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli, Claudia Ribeiro. **Sexualidade(s) e infância(s): A sexualidade como um tema transversal**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

CARRARA, Sérgio. **Os estudos sobre homossexualidade no Brasil e o projeto do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos / IMS/CLAMSDH** (2003).

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de Educadores Sexuais**, adiar não é mais possível. Campinas/SP: Mercado de Letras: Londrina, PR: Eduel, 2006 (Coleção Dimensões da sexualidade).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**, v. 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.



GROSSI, Miriam Pillar e col. **Movimentos Sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, 277p.

HEILBORN, Maria Luiza... [et al.] **O aprendizado da Sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Floacruz, 2006.

LOURO, Guacira Lopes, **Pedagogias da sexualidade**. In: O corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogia da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LUZ, Araci Asinelli; FERNANDES, Nelson Junior. **Gênero , adolescência e prevenção ao HIV/AIDS**. Pro-Posições, v.19, n.2 (56), 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. São Paulo: Interativa, sd.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. DP&A: Rio de Janeiro-RJ, 2006.

RIBEIRO, Claudia e CAMARGO Ana Maria Facioli de. **Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como um tema transversal**. Belo Horizonte, Editora Moderna da Unicamp, 1999.

RIBEIRO, Claudia Maria e SOUZA, Ila Maria Silva de. **Educação Inclusiva: Tecendo Gênero e Diversidade Sexual nas Redes de Proteção**, Lavras. Editora. Ufla, 2008.

SANTOS, Solange Ferreira dos. **As Softs e os Hards: A produção de Conhecimentos em um Portal de Educação em Curitiba**, Dissertação. 2009, Curitiba, UTFPR.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SEFFNER, Fernando. Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. www.lume.ufrgs.br/handle/10183/4340, 2003.

SEFFNER, Fernando. **Individualidade e Sociabilidade. Educação Afetivo – Sexual**. Disponível em ww1.unilasalle.edu.br/seffner/educacaoafetiva.pdf, 2006.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Petrópolis, Ed. Vozes. Rio de Janeiro, 2007.

WHITAKER, Dulce. **Mulher e homem: o mito da desigualdade**. São Paulo: Moderna, 1989.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br